

UM OLHAR OUTRO

Dando continuidade ao assunto da semana passada, vamos hoje falar da heresia como foi tratada pela Inquisição espanhola. Voltamos, assim, ao capítulo 6 de *Falso Testimonio*, livro do historiador Rodney Stark.

«A Inquisição espanhola foi fundada para tratar da crise social relacionada com os conversos, ou convertidos, antigos judeus e muçulmanos, que se tinham tornado católicos». Diz-se que a Inquisição pretendia «desmascarar todos os farsantes e queimá-los como hereges». Ora, verificou-se que a grande maioria dos que eram tidos pelo povo como «farsantes» eram verdadeiros convertidos, pelo que a Inquisição obrigou a um processo justo, contra as acusações e arbitrariedades.

Quanto aos *marranos*, «durante mais de um milénio, em Espanha viveram mais judeus que em todos os países juntos da Europa medieval». E acrescenta Stark: «No século XIV deu-se início a uma onda de conversões de judeus ao cristianismo, e dezenas de milhares deles aceitaram ser batizados, começando a ser conhecidos como «conversos». Isto causou um imenso mal-estar na comunidade judaica espanhola, a ponto de Maimónides propor o apedrejamento dos conversos como idólatras». Para alguns, tais conversões só poderiam acontecer por pressão e não seriam válidas. Isto originou um preconceito, que se espalhou de tal maneira que acabou mesmo por corromper os dados históricos para o futuro. Ora sabe-se que tais conversões foram sinceras e houve muitos e bons católicos, mesmo bispos e cardeais oriundos de judeus conversos. Como também não se evitou rivalidades entre os cristãos «novos», os tais conversos, e «velhos», que levaram mesmo a conflitos armados. A Inquisição teve a missão de conter tais rivalidades e conflitos. Missão difícil que não conseguiu levar a bom termo, sendo o édito de 1492 o sinal mais claro de tal incapacidade. Tal édito «ordenou que os judeus que ainda permaneciam em Espanha tinham de escolher entre converter-se ao cristianismo ou abandonar o país. «Os dados relativos à Inquisição de Aragão (1540-1640) – uma das duas divisões da Inquisição espanhola e a única que regista as execuções classificadas segundo o tipo de delito – mostram que só 942, isto é 3,6% de todos os casos julgados implicavam a acusação de ser marrano, muito abaixo dos julgados por serem mouros (muçulmanos) ou luteranos (protestantes). Alguns destes pretensos marranos foram ilibados. E não apenas isso: só 16 dos 942 acusados (1,7%) foram executados». Uma vez mais os números elevados não passam de suposições e preconceitos, que os documentos não avalizam.

Quanto aos mouriscos, termo que indica os muçulmanos falsamente convertidos ao cristianismo e que pretendiam ficar em Espanha no pós-Reconquista da península pelos reinos cristãos, eles «representaram uma ameaça muito mais séria que a dos judeus ou convertidos do judaísmo»: mais numerosos, em aglomerados inteiros, falavam a sua própria língua e as suas conversões tinham sido forçadas em muitos casos, pelo que organizaram muitas sublevações sangrentas. Muitos historiadores judeus divulgaram a ideia de que a Inquisição tinha sido mais condescendente com os mouriscos do que com os marranos, o que os dados da Inquisição de Aragão desmentem: foram processados «7472 indivíduos acusados de ser mouriscos, o que representa 29% de todos os casos julgados. Deles, foram executados 181, isto é 2,4%, uma percentagem ligeiramente mais alta que a taxa correspondente aos marranos». Quanto aos protestantes perseguidos pela Inquisição, deve ter-se em conta que o protestantismo foi diminuído em Espanha, país onde o catolicismo se tinha adiantado na reforma, antes mesmo dos movimentos da Reforma protestante. Mesmo assim, dizem os documentos, «em Aragão 2284 indivíduos foram levados perante o tribunal da Inquisição acusados de ser luteranos, o equivalente a 8.8% de todos os processados. Deles, foram 122 executados, ou seja 5.3%, o que representa uma taxa de mais do dobro dos acusados de ser mouriscos». E acrescenta Stark: «Enquanto esteve vigente em Espanha a Inquisição, todas as nações europeias perseguiram as minorias religiosas e os dissidentes». Os ingleses, além de perseguirem lolardos e luteranos, procuravam com especial afinco os sacerdotes católicos que viviam na clandestinidade e executaram os que encontravam. Os franceses assassinaram milhares de huguenotes, e também os calvinistas holandeses levaram sacerdotes à força. Os anabatistas foram fustigados tanto nas zonas de maioria católica como nas de maioria luterana da Alemanha, enquanto que em Genebra, Calvino perseguiu os anabatistas e os católicos.

Também as desordens sexuais entraram no âmbito de ação da Inquisição espanhola. Havia quatro categorias principais de delitos: solicitação, bigamia, sodomia e bestialidade. Delas falaremos no próximo número.

P. Abílio Cardoso

Tragem semanal: 600 ex.



**IV
DIA MUNDIAL
DOS POBRES**

«Estende a tua mão ao pobre»

13 de Novembro
Sexta-feira
21h30

Na igreja paroquial
de Remelhe
(presença única da equipa)
emissão no Facebook
«Paróquia de Pinheiro, Padre Fundado e Remelhe»

2019 - Angra do Heroísmo
Organização: Serviço Pastoral do Acido Sólido-caritativo

Aos estudantes de Barcelos
Conheces a Pastoral Universitária de
Braga? Ela foi criada para ti. Informa-te:

**Pastoral Universitária de Braga
Centro Pastoral Universitário**

Rua do Vilar,
4710-453, S.Vitor
(Braga)
914 541 063
253 690 448
E-mail (geral):
pastoral.universitaria@arquid-
iocese-braga.pt
pastoral-univer-
sitaria.org



BODAS DE DIAMANTE

Celebram na próxima quarta-feira, dia 11, as suas bodas de diamante de casamento **Manuel António de Oliveira Lopes e Laurentina Rodrigues Braga**. O casamento foi celebrado na Igreja Matriz de Barcelos no dia 11 de Novembro de 1960. A Paróquia une-se à acção de graças e felicita o casal por este jubileu.

PARA ELES OS NOSSOS PARABÉNS

DINIS AUGUSTO RODRIGUES

Faleceu Dinis Augusto Rodrigues, de 69 anos, a 28 de Outubro, ele que era casado com Maria da Glória da Costa Leiras. O funeral foi celebrado na quinta-feira, dia 29, com missa às 10.00 na Igreja da Misericórdia. A missa de 7º dia foi celebrada na quinta-feira, dia 5, e a de 30º dia será a 28 de Novembro, às 19.00, na Igreja Matriz. Que descanse em paz.



Ano XVI - Nº 45 - 08 de Novembro de 2020

Rua D. António Barroso, 116, 4750-258 Barcelos. Tel. 253 811 451, Telm. 966 201 411, email: paroquiadebarcelos@sapo.pt

Web: paroquiadebarcelos.org - Facebook: www.facebook.com/paroquiadebarcelos/

Serão as nossas escolhas sensatas?

Jesus fala do reino de Deus aos crentes de hoje. Diante desta afirmação, uma questão se impõe de imediato: e terão os crentes de hoje capacidade de escutar o que Jesus diz? Se olharmos à volta, impõe-se a tendência a dizer que não. A nossa cultura, dita atea e laica, mesmo que estes termos careçam de delimitação, evita colocar-se diante da transcendência, não aceitando o mistério. E mesmo os crentes, quanta dificuldade em parar, fazer silêncio diante do mistério de Deus! Preferimos ficar cá por baixo, «reduzidos» ao «reino dos homens». Mas damos conta de que «cá por baixo» cansa e o nosso íntimo mantém, inegável, um desejo do «lá do alto». Voltemos à proposta de Jesus: «o reino de Deus «é semelhante a...». No texto de hoje (Mt 25, 1-13) fala-se de dez virgens, todas chamadas para o cortejo nupcial, mas no qual só um grupo acaba por entrar, o das «prudentes». Assim, quem convida não exclui, mas a resposta ao convite é que é diferente. E é nessa resposta, que afirma a liberdade de cada um, que se joga o futuro.

O contexto da parábola de Jesus é o de uma festa de um casamento judaico. No último dia das festas, o noivo, acompanhado pelos amigos, ia em cortejo festivo, ao pôr do sol, à casa da noiva, que o esperava com as suas amigas. Estas juntavam-se ao cortejo e seguiam para a casa do noivo, onde se celebrava o casamento e fazia o banquete nupcial.

A chegada do cortejo ruidoso do noivo, já em hora tardia, desperta as amigas da noiva, entretanto adormecidas, cansadas de esperar. Foi a hora da revelação de quem estava ou não preparado para a festa. Surgem então os dois grupos de virgens, cinco sensatas e cinco imprudentes, ou seja, não preparadas para entrar no cortejo: faltava-lhes o azeite que iluminava o cortejo. E nem a ajuda pedida e negada, ou o atraso, que as levou a chegar já com a porta fechada, serviram de desculpa para conseguirem entrar. A súplica das virgens insensatas dirige-se ao «Senhor» para lhes abrir a porta. O que não acontece porque não foram vigilantes «porque não sabeis o dia nem a hora». O mesmo «Senhor» que dispensa os «títulos de pertença» para nos centrar na Verdade dos actos (fazer a vontade do Pai) e não das palavras.

Diz D. António Couto: «Este noivo que demora a vir é o Senhor. O tempo da sua demora é o tempo que, por graça, nos é dado a todos para estarmos sempre prontos, preparados e operosos. Afinal, as jovens insensatas também sabiam bem o que era necessário, tanto que acabaram por cumprir o programa e chegar à meta. Só que tarde e a más horas, e o controlo já estava encerrado».

Quem entendeu muito bem a vinda do Senhor foi S. Paulo. Na sua primeira carta aos Tessalonicenses (4, 13-18) ele responde a dúvidas sobre o que acontece aos que «adormeceram» em Cristo, ou seja se se lhes aplica também a força da ressurreição de Cristo. E a resposta de Paulo, decisiva para sempre no entender o evangelho de Jesus e no assumir as suas consequências, constitui o núcleo central das afirmações do credo cristão: Se Cristo não ressuscitou é inútil a fé. E se Ele ressuscitou também nós ressuscitaremos com Ele pois que, pelo baptismo,

é Ele a viver em nós.

«O neopaganismo em que vive atolada esta sociedade vende uma finitude, em que o finito, o defunto, que é aquele que deixou de funcionar, deve ser assumido como tal, ponto final. O Cristianismo também sabe desta finitude, mas enquanto a finitude neopagã é vista como natural, nós, cristãos, vemo-la como criatural. Então no Cristianismo, o homem tem um fim, não por ser mortal, mas por ser criado. E, portanto, a nossa finitude cristã está fundada sobre o Criador, e não sobre nós mesmos. A maneira de ver neopagã não tem saída, nem a quer ter, nem a pode ter. Ao contrário, a óptica cristã remete para o Criador, deixando-nos, portanto, no terreno firme da esperança e da confiança» (D. António Couto).



O Prior - P. Abílio Cardoso

A VIDA DO POVO DE DEUS TORNADA ORAÇÃO
XXXII DOMINGO DO TEMPO COMUM

**A minha alma tem sede de Vós,
meu Deus**

SEGUNDA, 9 – Dedicção da Basílica de Latrão

Leituras: Ez 47, 1-2, 8-9, 12
Jo 2, 13-22

09.00 (Senhor da Cruz): Maria do Carmo Araújo
15.30 (Terço): Carla Patrícia Simões da Silva e pai
19.00 (Matriz): Maria Eugénia Fernandes Ribeiro,
filho Luís Miguel e genro Manuel

TERÇA, 10 – S. Leão Magno

Leituras: Tit 2, 1-8, 11-14
Lc 17, 7-10

09.00 (Senhor da Cruz): António Jorge Vilas Boas Araújo
e madrinha
19.00 (Matriz): M.ª Gracinda Rego de Sousa Graça Esteves

QUARTA, 11 – S. Martinho

Leituras: Tit 3, 1-7
Lc 17, 11-19

09.00 (Senhor da Cruz): Pelas Almas do Purgatório
15.30 (Terço): Maria da Glória de Jesus e marido
19.00 (Matriz):

QUINTA, 12 – S. Josafat

Leituras: Flm 7-20
Lc 17, 20-25

08.00 (São José): Acção de graças à Sagrada Família
09.00 (Senhor da Cruz): Rosa Delfina Pereira
e marido Manuel Alves Silva
15.30 (Terço): Pelas almas do Purgatório
19.00 (Matriz – Intenções colectivas):
- Manuel Luís da Silva Pereira

SEXTA, 13 –

Leituras: 2 Jo 4-9
Lc 17, 26-37

09.00 (Senhor da Cruz – Intenções colectivas):

- Hortência Pereira
- Acção de graças ao Santíssimo Sacramento
- Pelas Almas do Purgatório
- Joaquim Abilheira
15.30 (Terço): Maria Carminda Lima Vieira
19.00 (Matriz): P. Arlindo Chaves Torres (8º aniv.)

SÁBADO, 14 – Santa Maria

Leituras: 3 Jo 5-8
Lc 18, 1-8

09.00 (Senhor da Cruz): Manuel Gonçalves Coutinho
17.30 (São José): Maria da Conceição Monteiro Soares,
marido e filhos

19.00 (Matriz – Intenções colectivas):

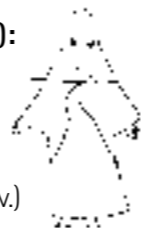
- Manuel Celso da Silva Cunha, pais e avós
- Abílio Gomes Vilas Boas
- Manuel Alves da Cruz
- Pais e sogros de José Barroso
- Joaquim Carreiras (30º dia)

DOMINGO, 15 – XXXIII DO TEMPO COMUM

Leituras: Prov 31, 10-13, 19-20, 30-31
1 Tes 5, 1-6
Mt 25, 14-30

09.00 (Senhor da Cruz): Rita Ricardo (aniv.)

11.00 (Matriz): Pelo povo
12.15 (Senhor da Cruz): Irmãos da Real Irmandade
15.30 (Terço): Pelas almas do Purgatório
19.00 (Matriz): Pelos irmãos, vivos e falecidos,
da Confraria das Almas



NÃO PERCAMOS A UNIDADE!

1. A diferença e até uma sadia divergência são expressões de vitalidade e riqueza. Já a divisão é sintoma de fraqueza, não favorecendo a credibilidade. A unidade não deve ser uniforme, mas tem de reluzir na própria diversidade.
2. Em qualquer momento – mas ainda mais na hora que passa –, a Igreja é chamada a destacar-se pela unidade: não por uma unidade unívoca, mas por uma pluralidade unida. No caleidoscópio de palavras e gestos, a unidade nunca há-de ser ofuscada. E esta credibiliza-se, acima de tudo, no anúncio de Jesus Cristo e no serviço à humanidade.
3. A Igreja é uma «transcorrência» entre Cristo e o mundo. O que aconteceu «uma vez» em Cristo é para acontecer «sempre» no mundo.
4. Em cada presente da história, a Igreja obsequia o mundo com o mesmo presente de sempre: Jesus Cristo. Foi assim ontem, é assim hoje e será assim amanhã (cf. Heb 13, 8).
5. A Igreja existiu no passado para testemunhar Jesus Cristo, existe na actualidade para testemunhar Jesus Cristo e existirá no futuro para testemunhar Jesus Cristo. A Igreja terá futuro se nunca se afastar do (insuperável) «paradigma Jesus». Ela só conseguirá sobreviver se nunca se esquecer de «cristoviver».
6. Não raramente, dá a impressão de que conhecemos melhor a realidade do mundo em que a Igreja se encontra do que a identidade da Igreja que se encontra no mundo. Não há dúvida de que nos incumbe conhecer o tempo que vivemos e o espaço que nos circunda. Mas não será crucial conhecer o Cristo que somos impelidos a testemunhar nesse tempo e nesse espaço?
7. Às vezes, com tanta insistência em antecipar o futuro, corremos o risco de tolher a missão no presente, em cada «hoje». É no «tempo que se chama «hoje» (Heb 3, 13) que somos chamados a ser Igreja, anunciando Jesus Cristo. Não será esse anúncio no presente o melhor investimento para o futuro?
8. Não basta trazer o futuro para a Igreja; é imperioso que a Igreja não se demita de levar Cristo para o futuro. O futuro introduzirá certamente mudanças na Igreja, mas a Igreja também terá de ser fermento de mudança no futuro.
9. Decisivo, no entanto, é perceber que o futuro será muito diferente com a perene novidade oferecida pela Igreja. Trata-se da novidade chamada Jesus Cristo.
10. N'Ele, que tudo renova (cf. Ap 21, 5), a Igreja nunca envelhecerá. É pela fidelidade a Jesus Cristo que a Igreja sobreviverá (Rom 1, 17; Heb 10, 38)!

João António Pinheiro Teixeira, In DM 03.11.2020

CATEQUESE

Face ao agravamento dos riscos, os catequistas, em diálogo com o Pároco e os pais, decidiram suspender as sessões presenciais com as crianças da catequese, mantendo, entretanto, o contacto com as mesmas por meios digitais. Assim, o horário mantém-se, agora para todos os grupos das 15.00 às 16.00 aos sábados.

E a missa das 11.00 na Igreja Matriz continua a ser o tempo e o espaço do encontro de todas as crianças, seus pais e catequistas, com a comunidade paroquial.

MISSÃO ÂNGELUS

Lemos e partilhamos:

O grupo dos Homens-Adoradores (grupos dos homens que adoram a Deus, em toda a França) comunica:

O encontro com Jean-Yves Nerriec, responsável pela Mission Angelus (Missão Ângelus), nos permitiu sublinhar a importância de ligar as missões dos nossos dois movimentos: a Mission Angelus visa fazer com que cada pessoa oriunda do mundo muçulmano, possa conhecer a mensagem de Cristo e do Evangelho, e segui-la... Desta forma, esta associação adota e assina em baixo, as palavras do Concílio:

A Igreja católica (...) anuncia, e tem mesmo obrigação de anunciar incessantemente Cristo, "caminho, verdade e vida" (Jo. 14,6), em quem os homens encontram a plenitude da vida religiosa e no qual Deus reconciliou consigo todas as coisas. (Vaticano II, declaração sobre as religiões cristãs, Nostra Aetate nº 2).

Os Homens-Adoradores têm como objetivo encher cada vez mais nossas paróquias com homens verdadeiros, espiritualizados, sabendo conviver com a amizade, formados e prontos a se dedicar ao próximo. Convidamos, então, os Homens-Adoradores que desejarem rezar, por meio da oração mariana diária, que é o Ângelus, que se convertam a Cristo, no mundo muçulmano e que se dediquem à operosidade da obra da Mission Angelus.

In Um minuto com Maria, 29/10/2020

OFERTAS PARA BOLETIM

Pedimos a colaboração generosa para com o Boletim, que é distribuído gratuitamente.

- Família n.º 179 – 30,00
- Família n.º 1108 – 20,00

TOTAL DA SEMANA – 50,00 euros

A transportar: 23.683,95 euros
Despesas até agora: 31.233.59 euros

RÚSSIA – DEUS NA CONSTITUIÇÃO?

No Verão passado a Rússia levou a referendo a inclusão de Deus na Constituição. Inicialmente agendado para 22 de Abril, a votação foi adiada para uma data posterior, devido à pandemia de COVID-19 na Rússia. Os resultados oficiais foram divulgados no dia 2 de Julho. A Constituição passa, entre outras medidas, a proclamar a "fé em Deus" do povo Russo.

Superfície 17.098.246 km²
População 143.440.000 habitantes
Religiões Cristãos: 82,2 % | Muçulmanos: 11,8 % | Agnósticos: 4,1% | Outras: 1,9 %
Língua oficial Russo

Entre 25 de Junho a 1 de Julho deste ano, a Rússia empenhou-se numa nova etapa da sua história contemporânea com um referendo (baptizado "voto de todos os Russos" por razões constitucionais) com vista a alterar a Constituição e, em particular, de aí fazer presente a menção a Deus. Mas este referendo deverá também permitir a Vladimir Putin cumprir dois novos mandatos presidenciais de seis anos cada um, até 2036. A decisão de tornar presente a menção de Deus nas alterações de voto poderia surpreender e parecer demonstrar um reforçar da "sinfonia" Estado-Igreja almejada pela Igreja Ortodoxa. Tal como a menção do casamento "união entre um homem e uma mulher", a defesa dos "valores tradicionais da família" e a do direito dos pais "de educar os seus filhos de acordo com as suas convicções religiosas e filosóficas". Na realidade, a Rússia acerta o passo com muitos outros países do mundo que estão a alterar a sua Constituição de forma semelhante, cerca de 40 anos depois, em todos os continentes (incluindo cinco membros da União Europeia, bem como a Suíça e a Noruega), tal como já referiu o Patriarca de Moscovo, Kyrill, no seu apelo de Janeiro de 2020 ao Presidente russo, pedindo-lhe que alterasse a Constituição de 1993 nesse sentido. Para o porta-voz do Kremlin, Dimitri Peskov, esta mudança constitucional não deveria alterar em nada a natureza secular do Estado russo.

(In Sementes de Esperança, Nov. 2020)

TRÊS QUESTÕES PARA O MÊS DE NOVEMBRO

Ninguém tem o direito de duvidar dos sentimentos de cada um em relação aos seus defuntos. Sabemos, por experiência própria, que se sente a falta deles e que a ausência física faz sofrer. Mas também acreditamos que as lágrimas ajudam a ver mais longe e formulamos três questões que podem levar-nos à reflexão.

– Novembro destina-se a chorar os mortos ou a celebrar os vivos? Formulada a questão de outro modo, acreditamos realmente no que, a este respeito, professamos no Credo: "creio na ressurreição dos mortos e na vida do mundo que há-de vir"? Não será até que derivamos para crenças (p. ex., a reencarnação) estranhas à fé cristã ou para a ausência delas (a morte como o fim de tudo)?

– Procuramos ser coerentes e sinceros na expressão dos nossos sentimentos? Para que não aconteça de chorarmos e sufragarmos aqueles de quem, nesta vida, nos esquecemos. A acontecer, estaríamos a dar espaço a uma refinada hipocrisia.

– Cuidamos daqueles que nos estão confiados, valorizando e defendendo a vida? Só assim seremos pessoas vivas a celebrar a vida e não gente morta a chorar a morte!

As respostas cabem a cada um, mas a reflexão é pedida a todos. Os cemitérios ajudam-nos a evocar a memória dos que nos precederam. Por isso, mais do que campa, jazigo ou sepultura, o lugar em que alguém está sepultado constitui um verdadeiro memorial. E, perante um memorial, impõe-se-nos o respeito e o silêncio.

João Alberto Correia, in DM, 2/11/2020